



< ANT.

SEMANÁRIO 19.07.2024

PRÓX. >

Por **Iberdrola** Soluções de energia verde Saiba Mais

Exclusivo

EXPOSIÇÕES

Exposições: Quem é o primitivo, o selvagem ou o xamã? A pergunta que se faz em Guimarães



Com seis secções a que correspondem títulos que permitem relações surpreendentes, nesta exposição, uma das mais marcantes do ano, ecoa uma diversidade polifónica D.R.

“Problemas do Primitivismo — A Partir de Portugal”, ambiciosa exposição no Centro Internacional de Artes José de Guimarães, criada a partir de aturada investigação, sugere uma espiral de reflexões sobre o “Primitivo”, um tema transversal à arte e à política, à história e ao presente



18 JULHO 2024 22:57

**Celso Martins**
Jornalista

De cada vez que usamos a palavra “primitivismo” enredamo-nos numa encruzilhada semântica com infiltrações quer na arte e na cultura, quer no campo das interações políticas no mundo colonial e pós-colonial ou nas ciências sociais antes e depois das independências.

A palavra primitivo tanto pode referir-se aos pintores flamengos do século XV como à arte africana nativa ou às manifestações da arte popular. Isso reforça a ideia de que o primitivo é um conceito que é definido sempre por um outro que com ele interage e o demarca. O que Marta Mestre e Mariana Pinto dos Santos nos apresentam (com o desenho expositivo de Sofia Gonçalves) é uma plataforma para olhar essa rede de encontros, conflitos, equívocos e fascinações. Partindo de uma densa e variada pesquisa em arquivos e coleções, criam uma espécie de

tapeçaria dialética que convoca quase todos os agentes, discursos, documentos, e obras de arte para um tema que está longe de repousar nas gavetas da história.



PROBLEMAS DO PRIMITIVISMO — A PARTIR DE PORTUGAL

Centro Internacional de Artes José de Guimarães, Guimarães, até 17 de novembro

A exposição possui 6 secções a que correspondem títulos que permitem relações surpreendentes: “Mar Português” estabelece o elo com o “a partir de Portugal” do título, olhando o mar como o lugar de mitificação do “encontro” civilizacional e mostrando itens que o desconstroem. Lá está a propaganda colonial, os cartazes glorificadores do império, as grandes exposições coloniais que aqui convivem com obras de Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny ou Eduardo Batarda, que ecoam diferentes aspetos de mal-estar anticolonial, ou cisões político-literárias centrais como, entre outros, o “Manifesto Antropofágico” de Oswald de Andrade, ou “Luanda” de Luandino Vieira.

Outra assume um dos nós mais tensos da relação entre o Ocidente e o “outro”: a “Civilização” que zigzagueia entre a missão civilizadora ocidental; a associação entre civilização e arte moderna sob o pano de fundo de uma história da arte que nasceu ocidental e as suas relações ambíguas com o primitivo. Aqui, foi ideal mostrar a série de pinturas “O Fantasma de Avignon” de António Areal (1967), que em telas de estrutura abstrata faz espereitar uma das cabeças africanas de Picasso, sinalizando não só o conflito entre figuração e abstração como aquele entre o civilizado e o primitivo. É o mote para um núcleo que inclui tanto caricaturas de Bordalo Pinheiro sobre a divisão de África em 1885 como discursos de Amílcar Cabral ou Aimé Césaire, ou imagens de Cahora Bassa, entre outros documentos que refletem o paternalismo colonial ou a sua rejeição.

O seguimento natural desta trajetória é o “Museu”, lugar das coleções de arte e etnografia e instituição moderna de configuração identitária e dominação. Sinalizam-se as disputas em torno dos museus, com referências ao Museu do Dundo, criado em 1936 pela companhia de diamantes de Angola, mas também o episódio da libertação do Ninthe-Camatchol em 1971, uma escultura em madeira em forma de pássaro dali retirada pelo PAIGC, tornando-o um símbolo da conquista de uma narrativa coletiva contra a neutralização do africano no espaço do museu. Mas primitivo é também o “Ingénuo”, o não instruído, o popular, cuja desvalorização é mais fruto da hierarquização social do que da cor da pele, sem que isso anule nem o fascínio nem a condescendência cultural. Aqui, além de literatura com referências africanas, encontramos escultores populares portugueses como Franklin ou Rosa Ramalho e as investigações de Ernesto de Sousa sobre o assunto.

Inesperada é a secção dedicada ao entusiasmo pelas jazz-band no Portugal dos anos 20, sugerido por António Ferro e ampliado pelos designers modernistas, a que se associa as visitas da estrela afro-americana Josephine Baker a Portugal. Recebida com entusiasmo, essa figura irresistível evoca-se também por especulações do campo da dança sobre o olhar ante os corpos negros como na peça de 1996 de Vera Mantero, em que surge como uma mulher meio negra, meio branca com cascos de cavalo; ou a figura frenética que Marlene Monteiro Freitas cria em torno de Baker (2010).



Vasco Celio

Por fim, a mostra atinge a mais pragmática das questões coloniais. A do extrativismo, fundamental para a acumulação no contexto do capitalismo moderno, em grande medida responsável pelos radicais desequilíbrios entre o Ocidente e o chamado Sul global. Para esta abordagem é fundamental a presença de parte do arquivo da Diamang, mas é também aqui que acedemos a obras de arte contemporânea. Veja-se o modo como Elo Vega e Rogelio López Cuenca expõem o turismo de massas como um extrativismo contemporâneo; as vibrantes pinturas do moçambicano Ilídio Candja Candja com seus signos subliminares; as miscelâneas escultóricas de Ludgero Almeida; e a instalação multimédia de Uriel Orlow que revisita árvores desaparecidas das ex-colónias.



Vasco Celio


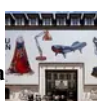
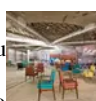

Em cada história ou curiosidade, a exposição pergunta: quem é o primitivo? É o selvagem ou o xamã? Aquele cuja relação com os objetos escapa à prisão cartesiana do “civilizado”? A ligação do ocidental com essa entidade oscila sempre entre o sentimento de superioridade filosófica e tecnológica e a fascinação pelo vigor do seu imaginário. Para ele, as manifestações do primitivo têm o perfume de uma infiltração simultaneamente sinuosa e sensual no edifício judaico-cristão. São um íman, um “fetiche” (do português feitiço) e um perigo de contaminação. Toda a mostra oscila entre estes dois polos ou, melhor, entre as consequências históricas e culturais da sua oscilação. Fá-lo ecoando uma diversidade polifónica. E esse princípio da contradição ajuda a fazer desta uma das mais marcantes exposições do ano.



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:
clubexpresso@expresso.impresa.pt



ÚLTIMAS NOTÍCIAS

	Rússia condena jornalista norte-americano a 16 anos de prisão por espionagem		Museu da Moda e Design reabre sob polémica		MUDE, uma história mal contada. Em memória e homenagem a Manuel Reis		Um guia para perceber o apagão informático: a culpa foi da Microsoft? O que é a CrowdStrike? E quando voltamos à normalidade?
---	---	---	---	---	---	---	---

+ Semanário

EXPOSIÇÕES

Exposições: Quem é o primitivo, o selvagem ou o xamã? A pergunta que se faz em Guimarães

Celso Martins

CULTURAS

“A Morte de Camões”, de Domingos Sequeira, no Museu Nacional de Arte Antiga: o que sabemos e o que não sabemos sobre uma ausência

Christiana Martins

EXPOSIÇÕES

João Abel Manta: o riso e o monstro numa exposição onde manda a Liberdade

José Luís Porfírio

CULTURAS

Miguel Alves Marquês foi à Moldávia à procura de Valentin mas encontrou outras imagens: é o Prémio de Fotografia Novo Banco Revelação

Cristina Margato

+ Vistas

- 1** **POLÍTICA**
Açores: filhos de desempregados vão ser discriminados no acesso às creches gratuitas
 - 2** **FINANÇAS PESSOAIS**
Certificados de Aforro ganham nova vida 'online': 5 coisas a saber sobre como funciona esta solução de poupança
 - 3** **GUERRA NA UCRÂNIA**
Mais de 42 mil ucranianos estão desaparecidos, Alemanha planeia redução do apoio à Ucrânia para metade: o 875.º dia de guerra
 - 4** **PRESIDENCIAIS EUA 2024**
"As pessoas nos EUA estão com medo da queda da República, e não estão erradas": entrevista ao autor de "A Próxima Guerra Civil"
 - 5** **GERAÇÃO E**
Nesta secundária, 47 alunos tiveram 20 valores no exame de Matemática: é uma escola pública e fica em Viseu
 - 6** **A HISTÓRIA REPETE-SE**
Vitória, a Rainha que amou e ameaçou Portugal. A escritora Isabel Machado desvenda a vida e personalidade da monarca que reinou 63 anos
 - 7** **TECNOLOGIA**
Falha informática global afeta bancos, companhias aéreas e comunicação social, ANA admite constrangimentos nas aeroportos portugueses
-



“Manu Chao recusou Paredes de Coura, Super Bock Super Rock e Primavera Sound. É a antítese do que é um artista hoje em dia”

SUBSCREVER EXCLUSIVOS NEWSLETTERS SEMANÁRIO

Estatuto editorial Código de Conduta Ficha Técnica do Expresso Política de cookies Política de privacidade Termos de utilização Contactos Publicidade Ficha técnica da Blitz
Estatuto editorial Blitz Configurações de privacidade

SIGA-NOS



www.impresa.pt

SITES DO GRUPO IMPRESA

- | | |
|-------------------|--------------------------------|
| SIC | Fama Show |
| Opto SIC | Expresso |
| SIC Internacional | Blitz |
| SIC Notícias | Boa Cama Boa Mesa |
| SIC Radical | Tribuna |
| SIC Mulher | Volante SIC |
| SIC K | GMTS |
| SIC Caras | InfoPortugal |
| SIC Esperança | SIC International Distribution |



IMPRESA © Todos os direitos reservadosApresentação do Grupo . ContactosInvestor Relations . Responsabilidade SocialLei da Transparência